

Antropofagia & Neurocirurgia Pediátrica

“Contra todos os importadores de consciência enlatada” – Oswald de Andrade (1928)

Para alguns povos originários como os Tupinambás, que habitavam parte do território Kirymuré-Paraguaçu (atualmente a cidade do Salvador), a antropofagia era um ritual onde a execução do inimigo era fundamental para atingir o estatuto de adulto. Este ato significava tanto o acesso ao “passado” (acesso espiritual aos seus antepassados), vingança contra um inimigo que exterminava seus companheiros e familiares, como também acesso ao futuro, pois possibilitava o movimento social onde o homem Tupinambá tornava-se apto a estar adulto e ter filhos. Os Tupinambás não consideravam que comiam a pessoa, eles “incorporavam o incorporal”, ou seja, eles comiam a condição do ser inimigo [1-3].

Outro conceito de antropofagia foi estabelecido culturalmente pelo poeta José Oswald de Sousa de Andrade e pela pintora Tarsila do Amaral (1928), quando já afirmavam que “só a Antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente” [4]. Essa Antropofagia vislumbra uma estratégia criativa, questionando influências impostas pelos colonizadores que dificultam o amadurecimento e emancipação do colonizado. O antropófago não se permite submissão ou catequese, mas sim uma transculturação (transformação cultural que resulta do contato entre duas culturas diferentes); uma desconstrução para possibilitar uma construção original. Grandes nomes foram capazes de movimentos antropofágicos, e como sou baiano, orgulhosamente cito nomes como o do cineasta Glauber Rocha, além do movimento da Tropicália (1967), destacando grandes compositores e cantores (as) como Caetano Veloso, Gilberto Gil, Tom Zé, Maria Bethânia e Gal Costa. Inúmeros (as) outros (as) antropófagos (as) poderiam ser citados (as), mas preciso ser conciso.

A Antropofagia pode significar comer algo de um outro, digerindo aquela forma e fazendo da sua maneira criativa, de acordo com as suas possibilidades (“deglutir a informação que vem de fora e devolver um produto novo e original”). Ser capaz de movimentos antropofágicos significa tornar-se adulto e capaz de

“andar com as suas próprias pernas”, ser independente, mas ter consciência também dos seus alcances, deveres e possibilidades. Sentir que o desejo da sua alma (sem qualquer conotação religiosa) caminha lado a lado com a necessidade do seu corpo. Um equilíbrio que só pode ser atingido com a maturidade (não necessariamente cronológica) [5].

Nas definições de antropofagia, a criança ou o adolescente (considerando os conceitos atuais para essas faixas etárias) não estão incluídos diretamente, pois não são aptos o suficiente para esta missão; mas já participam desta formação como indivíduo. Este grupo não adulto ainda precisa seguir normas e regras daqueles que já se tornaram antropófagos. Somente guerreiros Tupinambás são antropófagos; somente grandes artistas criam de forma antropofágica; somente saindo da submissão colonizadora, o colonizado torna-se livre para a criação.

A pandemia do COVID-19 nos obrigou a refletir sobre inúmeras coisas (para aqueles [as] que fazem reflexões). Dentre essas, as formas e possibilidades de simpósios, congressos e similares, além de outros gastos incluídos nesta dinâmica até então vigente. Esta reflexão começou depois de uma discussão em 02 de setembro 2020, pela plataforma Zoom, onde em reunião da SBNPed discutíamos sobre as influências, regras e normas de determinadas sociedades médicas estrangeiras. Vale ressaltar que um grande produto histórico da Europa, foi a criação de regras e formas de vigilância e punições [6] (entendam e interpretem como quiserem...).

Será que ainda somos ou nos sentimos como um povo colonizado, conseqüentemente aceitando uma submissão? Até quando nos conformaremos com esta posição? Será que somos, como Sociedade (SBNPed), guerreiros para andarmos com as nossas próprias pernas? Somos capazes de estabelecer as nossas próprias normas e regras? Somos seguros o suficiente? Temos consciência das nossas capacidades, possibilidades e alcances?

Estamos prontos [as] para esse movimento antropofágico?

Sendo baiano, tenho sangue Tupinambá...e adoro Caetano...

José Roberto Tude Melo

Neurocirurgia Pediátrica

Mestre e Doutor em Medicina e Saúde pela Universidade Federal da Bahia

Referencias

1. de Castro E.V. Araweté – Os Deuses Canibais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor-Anpocs, 1986
2. Risério A. Uma História da Cidade da Bahia. Rio de Janeiro: Versal Editores, 2004.
3. Tavares L.H.D. História da Bahia. Salvador BA: EDUFBA, 2008.
4. Andrade O. O Manifesto Antropofágico. In: Teles, Gilberto Mendonça. Vanguarda europeia e modernismo brasileiro: apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardistas. Petrópolis: Vozes, 1976.
5. Foucault M. História da Sexualidade – o cuidado de si. São Paulo: Paz & Terra Editora, 2014
6. Foucault M. Vigiar e Punir – Nascimento da Prisão. Petrópolis-RJ: editora Vozes, 2019.